

Caminhos para sair da crise

Paulo Areas

publicado em O Globo em 7/7/2018

A péssima situação do Estado do Rio é culpa do governador: não cortou despesas – as permitidas para estados em crise. Se cortasse, teria realocado dinheiro para segurança, saúde, etc. Faltam seis meses para o término do governo, e o que fazemos? Nada e, com a mesma omissão, fomos a unidade da Federação que menos cresceu durante décadas.

Precisamos de planos – econômico, político e de segurança – do nível do Plano Real, que reuniu poucas e boas cabeças, e não de coleção de interesses setoriais e de falar em “vocações” do estado, coisa afeita a testes para adolescentes. As fontes de nossa crise, que continua a gerar desperdício de dinheiro, foram a contratação abusiva de funcionários públicos, aumentos de salários e aposentadorias e a queda da atividade devido a mais tributos – só impostos sobre energia e combustíveis são 40% maiores que em São Paulo. Tudo aprovado por nossos deputados estaduais. Pezão usa a maior parte da arrecadação dos impostos, pago por 16 milhões de habitantes, para pagar a 450 mil funcionários públicos e aposentados, que são menos de 3% da população. Economia com o funcionalismo geraria o valor de várias operações Lava-Jato.

As distorções têm motivos: ilegalmente, muitos políticos compram votos com dinheiro e empregos para aliados, como cabos eleitorais. Governadores ou prefeitos, além de contratarem pessoas sem necessidade e que não trabalham, quando dão aumentos a aliados, estendem o benefício a todos os funcionários. Perguntaram a um ex-vereador por que só visitava favelas, e ele respondeu: “Lá há representantes que dizem o que querem, já na classe média, vou bater em cada apartamento?” A compra de votos é a raiz do desperdício e do mau atendimento: é impossível cobrar trabalho de aliados. Políticos estimulam habitações ilegais e gastam muito com salários e aposentadorias. Basta comprar votos em algumas comunidades para se eleger, e sem necessidade de governar para todos.

Muitos prefeitos e governadores, para aprovarem o que querem, como mais impostos, compram votos de vereadores e deputados com dinheiro e empregos. Ou acham que mensalão é coisa recente?

Há grande insatisfação e poucas propostas. O problema é político, e não existe solução sem democracia e partidos. Para mudar, há que repetir o que se faz no mundo desenvolvido:

- 1) Pressionar pela minirreforma política: fim de dinheiro público para eleições, pois mantém caciques; ter séria cláusula de barreira para acabar com minipartidos e estimular novos; voto só em pequenos distritos (diminuirá

custo de campanhas e tirará peso da compra de votos) e recall (abaixo-assinado com 5% dos eleitores gera plebiscitos sobre continuidade de políticos, juizes e leis).

- 2) Reclamar sempre contra desperdícios e má qualidade dos serviços públicos junto a órgãos de controle que sustentamos: tribunais de contas (inoperantes), tribunais eleitorais (acham mesmo que fake news é o problema?) e ministérios públicos. Temos que agir mesmo sabendo que não conseguirão apurar todas as irregularidades em milhares de municípios e nos estados.
- 3) O índice de reeleição de deputados e senadores é baixo, mas 65% dos novos têm laços com velhos políticos: votar em candidatos novos e sérios que tenham bons planos. Sem a execução de bons planos, continuaremos no buraco.